

TURISMO E RELIGIOSIDADE POPULAR

Tradição e mudança na *Festa do Divino Espírito Santo* do Maranhão¹

Mundicarmo Ferretti²

INTRODUÇÃO

Falar em religiosidade popular é falar em crenças e rituais de uma população e na relação dessa população com o sagrado. Mas é preciso lembrar que, quando a população é mais ou menos homogênea, sua cultura popular se confunde com cultura nacional e não há grandes diferenças em sua religiosidade, mas, quando existem na população diferenças sócio-culturais expressivas, sua cultura e sua religiosidade (um dos seus principais elementos) apresentam grande variedade.

No Brasil, até a abolição da escravidão (1888), a cultura das camadas dominantes (da elite) procurava seguir o padrão da nobreza portuguesa, principalmente nas áreas mais próximas à sede do poder (cidades, vilas) e, apesar de na época não se pretender criar uma sociedade igualitária, alguns elementos dessa cultura de elite foram impostos aos segmentos populares (negros, índios, caboclos, degredados), como ocorreu com a língua portuguesa e com o catolicismo, que foi a religião oficial até a Proclamação da República (1889). Mas os segmentos populares das cidades e das áreas rurais (de origem indígena, africana e outros), excluídos ou quase excluídos das escolas e às vezes marginalizados nas igrejas, tinham seus próprios modelos e tradições culturais.

A religiosidade popular nem sempre é vista de forma adequada pelas elites sócio-econômicas. As diferenças por ela apresentada em relação às das camadas dominantes é freqüentemente interpretada como decorrentes de arcaísmos (sobrevivências de um passado longínquo) ou de ignorância (baixa escolaridade), e, não raramente, a religião popular é referida na literatura acadêmica como: fetichismo, magia, feitiçaria etc. É curioso que nem sempre as pessoas consideradas avançadas - que têm uma história de luta pela valorização da cultura popular -, conseguem escapar dessa visão preconceituosa. Nina Rodrigues, pioneiro dos estudos sobre o negro no Brasil, apesar de ter valorizado as religiões afro-brasileiras, referiu-se a elas como “fetichismo” (RODRIGUES, 1935)³.

Cultura popular e diferenças regionais

Quando se comparam as produções e modos de vida de populações de regiões geográficas diferentes as suas diferenças culturais costumam aparecer de modo bastante visível e essas diferenças podem ser facilmente detectadas, tanto na rua e em outros locais públicos (como feiras; mercados; largos de igrejas, durante festejos religiosos etc.), como em locais privados (terreiros de religião afro-brasileira e outros). Mas é ilusório pensar que a cultura de elite é homogênea. Apesar da ação uniformizadora do sistema escolar, grandes são também as diferenças por ela apresentadas⁴.

¹ Apresentado no 12º Congresso Brasileiro de Folclore. Mesa Redonda 1. Natal, de 29/08 a 1/09/2006. Publicado no Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, nº 36, 2006.

² Comissão Maranhense de Folclore; Dra. Em Antropologia; pesquisadora de Religião afro-brasileira.

³ E, algumas décadas depois, Mário de Andrade referiu-se à música produzida nos terreiros como “música de feitiçaria”, apesar de ter sido um “apaixonado” por ela (ANDRADE, 1983).

⁴ Um exemplo dessa diversidade pode ser encontrado na diferença de sotaques observados na fala das populações das diversas regiões, apesar da costumeira imitação dos grandes centros pelos menores.

Embora as diferenças culturais tenham sempre despertado a curiosidade dos povos⁵, na sociedade moderna elas se transformaram em atração turística e tem estimulado várias atividades econômicas orientadas para o lazer. Os “pacotes turísticos” costumam incluir, além de atividades voltadas à apreciação das belezas naturais, programas direcionados ao conhecimento das riquezas culturais das populações locais, com ênfase no artesanato, na culinária e nas festas populares.

Turismo e religiosidade popular

A participação de turistas nas festas e rituais religiosos, embora costumem emprestar a elas maior brilhantismo, tem causado alguns problemas. Com exceção dos programas caracterizados como turismo religioso, os turistas costumam participar de festas e rituais religiosos populares sem conhecimento ou sem preocupação com as normas que os regem e, não raramente, criam certos embarços. Quando a afluência deles é muito freqüente ou assume grandes proporções, tende a causar grande impacto naquelas atividades, daí a necessidade de discussão do problema entre produtores culturais, folcloristas, técnicos, antropólogos e outros interessados em cultura popular. O interesse turístico pelas produções culturais populares tradicionais, apesar de poder incentivá-las, às vezes, tem atuado negativamente sobre elas. É sabido que as produções “para turistas” são geralmente menos elaboradas, mal acabadas e que às vezes foram descaracterizadas para se adaptarem à programação turística e a outros padrões estéticos. Pretendemos a seguir analisar a questão da interferência do turismo no folclore tomando como referência a *Festa do Espírito Santo* na capital maranhense⁶.

A Festa do Espírito Santo em São Luís-MA

A *Festa do Espírito Santo*, de origem européia, é encontrada em vários estados brasileiros, principalmente naqueles onde a população de origem açoriana é expressiva. No Maranhão ela é realizada com grande esplendor no Domingo de Pentecostes envolvendo “toda” a cidade, como ocorre em Alcântara, ou, simultaneamente várias comunidades, como ocorre em São Luís, onde é realizada principalmente em terreiros de mina - religião afro-brasileira hegemônica na capital (como na Casa das Minas e na de Casa de Nagô) ou sob a liderança de pessoas ligadas à religião afro-brasileira (como a realizada por dona Nilza, no bairro Goiabal). Mas nos terreiros as festas para o Espírito Santo são realizadas durante quase todo o ano, excluindo-se apenas o período do Carnaval, da Quaresma e algumas outras datas de grandes comemorações populares⁷. No Maranhão, embora as Festas do Divino incluam em sua programação uma missa, celebrada em igreja católica, são comandadas inteiramente por devotos do Espírito Santo, na maioria das vezes, como falamos anteriormente, ligados a terreiros de mina, daí a sua freqüente relação com voduns e encantados.

As Festas do Divino dos terreiros de mina são realizadas quase sempre durante o seu festejo grande, quando as casas de culto rendem homenagem às suas principais entidades espirituais (como Vó Missa/Nanã, sincretizada com Santana - no terreiro de mãe Elzita; Dom Luís Rei de França, no Terreiro de Yemanjá, do falecido Jorge Itaci) ou são em si uma obrigação para uma entidade espiritual, como ocorre com a Casa das Minas, onde é uma obrigação para Nochê Sepazim, vodum da família real do Daomé, conhecida como devota do Espírito Santo.

⁵ O relato de viajantes sobre o “Novo Mundo” despertou grande interesse dos europeus e influenciou obras de arte (pinturas, tapetes e louças passaram incluir imagens da flora, da fauna e retratos dos nativos das terras “descobertas” pelos europeus).

⁶ Para maior informação, ver FERRETTI, Mundicarmo (2000); FERRETTI, Sergio (1995); NUNES, Izaurina (2003).

⁷ Ver agenda organizada pelo *Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho* e publicadas no *Boletim da CMF*, n, 32 (2005), 34 e 35 (2006).

No Maranhão a Festa do Espírito Santo tem uma longa duração e compreende várias etapas sendo as principais: 1) abertura da tribuna (ocasião em que são armados os troncos do império e dos mordomos); 2) buscamto e levantamento do mastro (tronco que, depois de enfeitado, deverá ser plantado no local da festa para ser visualizado de longe e anunciar a sua realização); 3) festa propriamente dita (com missa, cortejo do império, distribuição de comida, toque de caixa etc.); 4) derrubada do mastro; 5) transferência das posses (quando o império transfere ao escolhido para atuar no ano seguinte os símbolos de nobreza usados por ele: cetro, coroa etc.); 6) e serração do mastro e/ou carimbó (brincadeira de caixeiros após o encerramento da festa). Alguns momentos da festa, como o levantamento e a derrubada do mastro, e o dia da festa propriamente dita são mais solenes e atraem grande público. Em São Luís, um certo número dessas festas começa Sábado de Aleluia (que antecede ao domingo de Páscoa) e vão até a 2ª feira depois de Pentecostes (durando, portanto, mais de 50 dias). Nas festas longas, embora as atividades principais se concentrem em uma ou duas semanas, nas outras semanas são também realizadas algumas atividades, como toque de caixa às 6h da tarde, aos sábados etc.

A Festa do Espírito Santo é realizada no Maranhão com muito luxo, muita fartura e muito zelo para que nada saia errado, pois acredita-se que qualquer falha pode atrair grandes desgraças. É uma festa dispendiosa, cansativa, que envolve muitos segredos, mas é também uma atividade que reforça a esperança em dias melhores, a auto-estima e o prestígio do grupo. É também a festa onde há maior conagração de pessoas de diferentes crenças e classes sociais e por ser uma das principais manifestações folclóricas do Maranhão, vem há anos merecendo o apoio do governo⁸.

O interesse turístico sobre a Festa do Espírito Santo no Maranhão

Os ritos religiosos populares e as festas de santos costumam atrair não apenas devotos, mas também pessoas que às vezes desconhecem ou que não comungam das crenças e valores a eles associados. Alguns desses rituais constituem manifestações folclóricas expressivas (como é o caso da Festa do Divino Espírito Santo em São Luís e em Alcântara, no Maranhão, de que nos ocupamos anteriormente), daí porque são incluídos em calendários turísticos realizados pelo setor público e em programações de turismo cultural ou religioso realizadas por algumas empresas especializadas. Pretendemos discutir aqui alguns problemas gerados pela participação ou presença de turistas em rituais religiosos e apontar alguns cuidados que se precisa tomar para que ela não venha a prejudicar grandemente aquelas atividades religiosas.

Os ritos e festas do folclore religioso, como a Festa do Espírito Santo, são realizados geralmente por devotos e envolvem grupos ou comunidades que professam a mesma fé. Mas, como falamos anteriormente, muitos deles atraem grande número de pessoas para quem a religião não tem tanta importância, que têm outra religião ou um outro sistema de crenças. A presença desses “não devotos” nas festas e rituais religiosos pode ter um efeito positivo sobre elas, uma vez que podem reforçar a motivação para a sua realização e aumentar o desejo dos devotos de realizá-las cada vez melhor. E não raramente esses “não devotos” contribuem financeiramente para a realização da festa, quer diretamente, quer indiretamente, participando de leilões, rifas, bailes com entrada paga, comprando comidas e lembranças em barracas dos devotos etc.

Mas a participação de “não devotos” nas festas e rituais religiosos pode também acarretar problemas. Algumas vezes eles comparecem em grande número ao local do festejo ou de realização do ritual, passando na frente de quem tem alguma relação com o que ali está sendo realizado ou tomando o lugar de quem contribuiu para a sua realização. E, não tendo consciência do valor religioso da festa ou ritual, podem provocar mudanças na sua

⁸ O *Boletim da Comissão Maranhense de Folclore*, nos seus números 32 (2005) e 34 (2006), fornece uma relação de 50 Festas do Espírito Santo apoiadas financeiramente pelo Governo do Estado no período 2005-2006.

atmosfera, aumentando a bebedeira e a algazarra existente em torno deles, desrespeitando regras e proibições, e desviando a atenção para o que está sendo realizado⁹.

Nos últimos anos tem havido muita reclamação sobre o comportamento de pessoas de fora e de turistas que têm ido a Alcântara por ocasião da *Festa do Divino*. Os terreiros de mina freqüentemente se sentem também agredidos pela presença de pessoas de bermuda ou de roupa preta nas festas, e reclamam de pessoas atravessando o barracão durante a realização de rituais, geralmente em busca de melhor ângulo para as suas fotos ou de melhor local para as suas gravações de áudio, que às vezes são até proibidas.

Um outro problema gerado por essa participação é o risco da introdução de mudanças nas festas e rituais religiosos para satisfazer o gosto daquela clientela passageira ou para adequá-los à sua disponibilidade de tempo, o que levaria fatalmente, mais cedo ou mais tarde, à transformação da festa religiosa em puro espetáculo para turista. Os cânticos dos rituais e festas religiosas populares, por exemplo, além de longos, costumam ser repetidos muitas vezes, sem problema para os devotos, pois costumam estar ali sem nenhuma pressa, uma vez que estão cumprindo uma obrigação ou estão ali por devoção, daí porque costumam participar deles integralmente, do início ao fim. Mas constituem um grande problema nas programações turísticas.

Como é bastante conhecido, as festas e rituais da cultura popular, além de longas, costumam ter data, hora e local determinados por motivos religiosos ou pela tradição, razão pela qual nem sempre se adéquam à programação turística. Os que ocorrem à noite, por exemplo, não costumam acabar antes do amanhecer, até porque durante a madrugada os transportes coletivos são poucos e muitas pessoas são obrigadas a permanecerem no local até de manhã. Por outro lado, existem etapas de festas ou rituais que só podem ser realizadas ao escurecer, ao raiar o dia, ou nas “horas grandes” - 6, 12, 18 e 24 horas.

Existe mais um problema para a religiosidade popular, quando as festas passam a despertar maior interesse turístico, o surgimento de grupos motivados apenas pela demanda mercadológica. Sem nenhum compromisso religioso, esses grupos têm toda liberdade para criar e recriar em cima da cultura tradicional e, às vezes, alguns terminam se destacando mais do que os tradicionais e até influenciando os antigos que, no processo de adaptação às demandas turísticas, como estratégia de sobrevivência, abandonam as formas tradicionais e passam a imitar os grupos mais jovens (o que ocorre freqüentemente após o falecimento de seus criadores).

A inclusão de rituais religiosos afro-brasileiros em calendários turísticos

Os rituais religiosos afro-brasileiros, há muito, vêm sendo objeto de atenções de não devotos, atraídos pela beleza de suas danças, músicas e indumentárias etc. Esse interesse (embora às vezes seja fruto do desconhecimento de sua verdadeira natureza ou da redução daqueles rituais a espetáculos para diversão das camadas populares) foi e continua sendo legitimada por vários pais-de-santo e, na maioria das vezes, parece que não tinha um impacto muito negativo sobre as religiões afro-brasileiras. É possível que no passado os próprios líderes religiosos tenham procurado atrair aquela clientela no intuito de reduzir o preconceito existente nas camadas sociais mais altas sobre aquelas religiões.

Atualmente a presença de “não devotos” nos terreiros tem crescido graças à integração de programação de instituições que atuam na área de turismo, o que tem sido objeto de críticas e de preocupações de líderes religiosos. Não raramente se ouve falar em São Luís, com um tom crítico, em terreiros “de turistas” e em rituais “para turistas” realizados naquelas casas. E, como os terreiros vinculados à programação turística costumam passar por um acentuado processo de mudança, é também grande a resistência encontrada

⁹ Na Festa do Espírito Santo de Alcântara, o desrespeito a certas proibições, como a de cruzar os braços em locais e momentos especiais, obriga o infrator a “pagar uma prenda”. Para que não escape, ao ser flagrado, um dos fiscais da festa amarra uma fita em seu braço e só desamarra após o cumprimento da obrigação (que consiste, geralmente, em dar algum dinheiro).

nessa área em relação a programas do setor público ou de empresas que visem propiciar a visitação de turistas àquelas casas.

Em 2002, pesquisadores do GP-Mina, realizando pesquisa de levantamento para a FUMTUR, encontraram em alguns terreiros grande resistência em relação à sua inclusão na lista dos que poderiam receber turistas, temendo o controle dos coordenadores de programas e mudanças por eles impostas em relação a seus calendários das festas e rituais, pois, segundo eles, “*nos terreiros toda mudança tem que ser solicitada ou aprovada pelas entidades espirituais*”¹⁰.

Os exemplos apresentados parecem suficientes para mostrar que a inclusão de festas e rituais religiosos em calendários turísticos tem que ser feita com cautela, principalmente quando ocorrem em locais privados (como em terreiros de religião afro-brasileira).

CONCLUSÃO

A interação entre turismo e religiosidade popular é problemática e precisa ser acompanhada pelos produtores culturais, técnicos e responsáveis pela formulação de políticas públicas, para que o primeiro não venha a causar danos à segunda. A participação intensa de turistas em uma atividade religiosa pode levar a substituição dos seus motivos e desvirtuá-la facilmente, se os motivos para a sua realização forem substituídos por interesses econômicos. Mas, enquanto os devotos conseguirem encarar com naturalidade a presença de turistas em suas festas e rituais, e continuarem realizando essas atividades por promessa, obrigação, tradição ou por prazer, o turismo não deverá afetá-las grandemente.

O risco maior de interferência negativa do turismo sobre a religiosidade popular surge quando os produtores culturais tradicionais deslocam o foco de sua atenção para os expectadores externos (os turistas), encarando-os como motivo especial de orgulho (já que são geralmente de classe social superior a deles) ou como oportunidade de lucro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mario. *Musica de feitiçaria no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; Brasília: INL/PROMEMORIA, 1983.

Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n. 32, São Luís, agosto, 2005. (Agenda Cultural).

Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n. 34, São Luís, junho, 2006. (Agenda Cultural).

Boletim da Comissão Maranhense de Folclore, n. 35, São Luís, agosto, 2006. (Agenda Cultural).

FERRETTI, Mundicarmo. *Desceu na Guma: o caboclo da Mina em um terreiro de São Luís*. São Luís: EDUFMA, 2000.

FERRETTI, Sergio. *Religião e cultura popular: festa da cultura popular na religião afro-brasileira do Maranhão*. Vídeo. São Luís, 1995 (17').

¹⁰ Em 2002, coordenamos um trabalho do GP-Mina (grupo de pesquisa vinculado ao Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMA), para a FUMTUR (Fundação Municipal de Turismo de São Luís) o levantamento de informações gerais e o calendário de festas e rituais públicos de trinta terreiros de São Luís, com vista a fornecimento de informação a turistas interessados em religião afro-brasileira. O trabalho, solicitado pela *Fundação Municipal de Turismo* (FUMTUR - São Luís-MA), foi realizado por três membros do grupo de pesquisa, com a nossa orientação, e envolveu 30 terreiros da ilha de São Luís (a maioria da capital). Pelo menos 50% desses terreiros já haviam sido pesquisados de forma sistemática por estudantes ou pesquisadores maranhenses e vários deles já eram conhecidos na literatura especializada e/ou havia sido cadastrados pelo *Centro de Cultura Domingos Vieira Filho* (ligado à administração estadual) como produtores de folclore, pela realização anual de Festa do Espírito Santo, Bumba-boi de encantado, Pastor etc.

NUNES, Izaurina (org.). *Olhar, memória e reflexões sobre a gente do Maranhão*. São Luís: CMF, 2003.

RODRIGUES, Raimundo Nina. *O animismo fetichista dos negros baianos*. Rio de Janeiro, Civilizações Brasileiras, 1935. (Original de 1896).